

**Envelhecer no olhar da pessoa idosa: uma análise a partir do software
IRAMUTEQ¹**

Aging in the elderly person's: an analysis from the IRAMUTEQ software

Recebimento dos originais: 01/07/2018

Aceitação para publicação: 08/08/2018

Emília Pio da Silva

Doutorado em Ciências Florestais – Universidade Federal de Viçosa

Instituição: Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga

Endereço: Rua G, 205, Lote 11 – Bairro Paraíso, Ponte Nova – MG, Brasil

E-mail: emiliapiosilva@yahoo.com.br

Simone Caldas Tavares Mafra

Doutorado em Engenharia de Produção – Universidade Federal de Santa Catarina

Instituição: Universidade Federal de Viçosa

Endereço: Avenida PH Rolfs, s/n – Campus Universitário – Departamento de Economia

Doméstica

E-mail: sctmafra@ufv.br

Adriana da Silva Fausto Rodrigues

Graduação em Agronomia – Universidade Federal de Viçosa

Instituição: Universidade Federal de Viçosa

Endereço: Avenida PH Rolfs, s/n – Campus Universitário – Departamento de Economia

Doméstica

E-mail: adrianafr@yahoo.com.br

Vanessa Aparecida Moreira de Barros

Doutorado em Extensão Rural – Universidade Federal de Viçosa

Instituição: Universidade Federal de Viçosa

Endereço: Avenida PH Rolfs, s/n – Campus Universitário – Departamento de Extensão

Rural

E-mail: vanessabarrosecd@gmail.com

RESUMO

O entendimento do processo de envelhecer precisa ser estudado a partir da própria pessoa idosa que o vivencia. Desse modo, o objetivo deste estudo foi compreender o fenômeno do envelhecer a partir da percepção e das experiências da pessoa idosa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, para a qual foi utilizado o método do estudo de caso. A amostra da pesquisa foi constituída por 40 idosos participantes de grupo de terceira idade em Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

¹ Apoio Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Utilizou-se a entrevista como método de pesquisa, sendo que essas foram analisadas pelo *software* IRAMUTEQ. Os resultados evidenciaram que as palavras mais citadas pelos idosos para explicar o significado da velhice foram “*não; ficar; bom; Deus; gente; viver*”. Essas palavras permitiram significar o envelhecimento dentro de aspectos positivos e negativos. Ao final, foi possível concluir que o processo de envelhecer não é único, mas relativo e subjetivo; e dependente do percurso e curso de vida dos sujeitos para viver essa etapa da vida.

Palavras-Chave: Envelhecimento; Significado; Nuvem de palavras.

ABSTRACT

The understanding of the aging process needs to be studied from the elderly person who experiences this process. Thus, the objective of this study was to understand the phenomenon of aging, based on the perception and experiences of the elderly person. It is a qualitative and exploratory research, for which the method used was the case study. The research sample consisted of 40 elderly individuals from an elderly group. The interview was used as a research method, and these interviews were analyzed by IRAMUTEQ software. The results showed that the words most cited by the elders to explain the meaning of old age were “*no; stay; good; God; people; to live*”. Based on these words, it was possible to signify aging within both positive and negative aspects. In the end, it can be concluded that old age is unique, relative and subjective; as well as, dependent on the subjects course of life as they experience this stage of life.

Key words: Aging; Meaning; Word Cloud.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil está se tornando um país de velhos. Esta realidade se consolida a cada dia, e é retratada em muitos estudos científicos. Entretanto, ainda são escassos os serviços disponíveis para a pessoa idosa, e as políticas sociais de saúde, educação, alimentação, moradia, lazer, cultura, saneamento básico e transporte têm se mostrado pouco eficazes para enfrentar tal mudança demográfica.

De todas as dificuldades vivenciadas pela pessoa idosa destaca-se a falta de poder/empoderamento, que acaba por ocasionar a violação de seus direitos. Essa relação pode se dar por causa dos estigmas negativos da velhice, que são impostos pela sociedade (SILVA, et al., 2015). Essa violação de direitos faz “calar a voz” da pessoa idosa.

Uma das iniciativas de dar voz a esse sujeito social surgiu durante a participação no III Congresso Internacional sobre Envelhecimento Humano, que ocorreu em Campina Grande, Paraíba, no ano de 2015, quando uma idosa, durante um debate, relatou que o envelhecimento estava sendo discutido por pessoas que ainda não tinham passado ou que estivessem vivenciando a experiência de envelhecer. Esse fato fez com que o Grupo de Pesquisa “Risco Social e Envelhecimento” refletisse sobre tal fato. De forma simples e a partir do seu conhecimento de vida, a senhora

mostrou que é preciso compreender a velhice a partir do olhar de quem a vivencia. Embora pareça óbvio, a maior parte dos estudos sobre velhice não consideram esse ponto de vista.

Muitos estudos têm se dedicado a pesquisar a percepção da velhice por parte dos profissionais de saúde e da assistência social, dos familiares e cuidadores. Esta pode ser uma realidade contraditória, pois o entendimento do envelhecer está sendo narrado por pessoas que ainda não alcançaram ou estejam vivenciando a velhice, isto é, desconsiderando a percepção da pessoa idosa, ainda que o façam a partir da convivência com esse sujeito social e das transformações observadas.

Nesse sentido, mesmo com tal vivência, o observador ainda não possui a experiência de tais transformações. Desse modo, surgem algumas indagações. Qual a percepção da pessoa idosa frente à velhice e ao processo de envelhecimento? Como ela entende, representa, percebe e principalmente vivencia essa etapa da vida? Qual o significado da velhice e do envelhecer para a pessoa idosa?

Nessa perspectiva, o estudo em questão buscou ampliar a compreensão do fenômeno envelhecer a partir da percepção e das experiências da pessoa idosa. Tal abordagem se mostrou necessária ao considerar-se que a velhice é uma etapa de vida singular e pessoal. Diante do objetivo proposto, optou-se por realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa. Para tanto, foi utilizado o método do estudo de caso.

De acordo com Dalfovo et al. (2008), na pesquisa qualitativa trabalha-se, predominantemente, com dados qualitativos, ou seja, a informação coletada não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise. Para Gil (2008), na análise qualitativa o elemento fundamental é o ser humano. E o estudo de caso, torna-se importante nessa abordagem, visto que permite compreender as situações da vida real, cujos limites não estão claramente definidos, permitindo explorar os diferentes elementos que compõem os argumentos da pesquisa. Nesse ínterim, a pesquisa “exploratória busca a investigação de algum objeto de estudo que possui poucas informações”, como colocado por Dalfovo et al. (2008, p. 4), e objetivamente contribui muito com o referido estudo e a evidencição do problema da pesquisa.

O campo de estudo foi o Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), localizado no município de Viçosa, Minas Gerais. O PMTI é resultante de uma parceria entre Universidade Federal de Viçosa e a Prefeitura Municipal de Viçosa, que tem como objetivo fomentar ações que visam oferecer apoio à população idosa (MAFRA, et al., 2014). Dentro dos aspectos demográficos do município destaca-se a população idosa, que representa 11,04% do total da população, sendo essa porcentagem superior à média nacional, que, de acordo com o último censo demográfico, foi de 10,8% (MAFRA et al., 2014).

A coleta de dados envolveu 40 idosos, que responderam à entrevista estruturada com perguntas abertas. As entrevistas foram realizadas na sede do PMTI logo após o encerramento das atividades ou oficinas. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo garantindo aos mesmos o direito de anonimato.

As entrevistas foram devidamente organizadas e processadas pelo *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). De acordo com Camargo e Justo (2013), o referido *software* apresenta rigor estatístico, permitindo aos pesquisadores utilizarem diferentes recursos técnicos de análise lexical, desde os mais simples como a lexicografia básica, até as técnicas de análise multivariadas como classificação hierárquica descendente e análise de similitude. O *software* organiza o vocábulo de forma compreensível e clara, permitindo empregar cálculos estatísticos sobre dados qualitativos que, nesta pesquisa, configuram os textos das entrevistas.

O IRAMUTEQ possibilita os seguintes tipos de análises: estatísticas textuais clássicas; pesquisa de especificidades de grupos; classificação hierárquica descendente; análises de similitude e nuvem de palavras (CAMARGO E JUSTO, 2013). Neste estudo, utilizou-se para a análise a nuvem de palavras. Segundo Camargo e Justo (2013), neste tipo de análise as palavras são agrupadas e organizadas graficamente de acordo com a sua frequência, o que possibilita facilmente a sua identificação a partir de um único arquivo, denominado *corpus*. Sendo assim, cada entrevista caracterizou um texto, e o conjunto de textos constituiu um único *corpus*, que foi analisado pelo programa. Nesta análise, o

(...) vocabulário é identificado e quantificado em relação à frequência e, em alguns casos, também, em relação à sua posição no texto, ou seja, é submetido à cálculos estatísticos para posterior interpretação sendo uma das diferenças da análise de conteúdo, no qual o pesquisador interpreta para depois sistematizar (CAMARGO e JUSTO, 2012 apud KAMI et al., 2016).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa, de acordo com o parecer número 1.408.476.

2 OS IDOSOS PERANTE A VELHICE E O ENVELHECER

A velhice e o envelhecer são experiências naturais da vida, marcadas pela subjetividade, ou seja, experiências únicas de cada indivíduo. De acordo com Freitas et al. (2010), a velhice não tem uma concepção absoluta, sendo o significado das mudanças decorrentes desta etapa da vida singular e dependente da interpretação de cada pessoa e de como isto afeta a vida dela. Ou seja, a velhice é

compreendida por aquelas pessoas que a vivenciam. Para Kant (2001), o conhecimento não deriva apenas da experiência, mas todo conhecimento se inicia com a experiência. Tal afirmação evidencia a importância do conhecimento do envelhecimento a partir da experiência de quem vivencia essa etapa da vida.

Segundo Leite e Araújo (2017), a velhice é compreendida como um conceito abstrato e subjetivo, vivida e vivenciada de forma individual e complexa, marcada por aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. O marco cronológico é aplicável no estabelecimento de políticas públicas e sociais, na definição de direitos e deveres e na comparação de dados populacionais. Contudo, existem particularidades do processo de envelhecimento que não cabem na uniformização de perspectivas discursivas (FELIPE e SOUSA, 2014).

Há relato de idosos que acreditam que a idade não é cronológica, mas determinada pelas suas vivências internas, ou seja, refere-se à idade que se apercebe internamente, o que configura um estado de espírito (LEITE e ARAÚJO, 2017). “A velhice deve ser considerada em sua pluralidade de experiências individuais e sociais, como um fenômeno singular na vida do ser humano, o que nos impede de adotar conceitos únicos” (FALLER et al., 2015, p.134).

Os estudos de Assis e Martin (2010) revelaram que, na percepção dos idosos, a velhice não se revela no aparecimento dos cabelos brancos, das rugas ou manchas senis na pele. A velhice não é vista, é sentida. E ser idoso não é uma categoria explicada pela idade, mas uma “nova forma” de estar no mundo. “Para esses idosos a velhice é percebida quando os efeitos deletérios do avançar dos anos interfere negativamente no seu cotidiano, impossibilitando-os de realizar suas atividades diárias” (ASSIS e MARTIN, 2010, p. 64). Há situações em que a pessoa idosa é rejeitada e excluída do ambiente social, por isso, tenta constantemente rejuvenescer para manter-se “percebido” e valorizado (FERNANDES e GARCIA, 2010).

Os participantes dos estudos de Harris e Protti (2016) apresentaram uma visão muito natural frente ao envelhecimento. Eles compreenderam a velhice como algo que faz parte da vida e não como uma fase “assustadora”, que antecede a morte. Ou seja, a velhice não é finitude, é uma etapa da vida que continua, como reforça Mafra (2014). É interessante destacar que os idosos participantes do estudo de Harris e Protti (2016) estavam internados em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), um local geralmente associado à morte. Mas, para eles, “a velhice [...] é vivida com naturalidade e é repleta de conquistas. São realizações relacionadas ao bem-estar da família” (HARRIS e PROTTI, 2016, p. 11).

De acordo Meneses et al. (2013), a velhice é um momento em que se pode refletir sobre sua própria existência e perceber que, apesar de se ter alcançado muitas metas e objetivos, é ainda etapa

da vida para muitos outros projetos, assim como é uma etapa onde se vivencia perdas, e, algumas das vezes, a saúde é uma delas.

De modo mais geral, para os idosos, a velhice assume um significado ora positivo que representa felicidade, união familiar e mais experiência de vida, ora negativo, como a vivência da doença, solidão e tristeza (MENESES et. al., 2013).

Os participantes dos estudos de Freitas et al. (2010) perceberam a velhice como uma condição boa, apesar de relatarem nostalgia quando abordavam o tema juventude. Dentro deste contexto, as mulheres revelaram que a velhice é marcada pela perda da beleza, entendida como sendo característica da juventude e pelo aparecimento das rugas, elementos entendidos como característica da velhice. Apesar dos estereótipos, sentem-se felizes, e a felicidade é explicada pela convivência com filhos e netos. Seus discursos apresentam a perspectiva da ressignificação, ação que é muito importante para se viver o curso da vida durante o processo de envelhecimento.

Os estudos de Assis e Martin (2010) evidenciaram que os idosos não estão preocupados com a velhice vinculada à beleza, pois o tempo deles é ocupado com trabalho, cuidado com a casa, filhos e netos. Assim, há a lógica de que o corpo pode estar envelhecido, mas “ainda serve”. Pode ser que se diferencie fisiologicamente, em termos de funcionamento, da fase da juventude, mas funciona com mais “sabedoria” (FREITAS et al., 2010).

Apesar disso, existem idosos que relacionam a velhice com uma experiência negativa, pois associam essa fase da vida à decadência, dependência e incapacidade para as atividades de vida diária (FALLER et al., 2015). “A dependência para a realização de atividades rotineiras, especialmente as decorrentes de alguma doença crônica, que tem como característica o caráter progressivo e irreversível, constitui para eles um evento marcante na percepção da velhice” (FALLER et al., 2015, p. 132). Tal evento é reforçado por Assis e Martin (2010), quando trazem o pensar dos sujeitos estudados: “o sentimento do corpo cansado reflete que algo intrinsecamente mudou. Não foram as mudanças na aparência que os levaram a esta conclusão, mas sim a mudança na capacidade física e funcional” (ASSIS e MARTIN, 2010, p. 61).

De acordo com Fernandes e Garcia (2010), tanto para o homem idoso quanto para a mulher idosa, a velhice tem um sentido comum, ligado à finitude, doença, problemas e limitações, que resulta no medo da dependência e da rejeição, construindo estigmas e tornando essa experiência indesejada. Apesar disso, as mulheres revelaram ainda que essa etapa da vida constitui uma oportunidade para desfrutar os anos de vida que lhe restam de forma mais “livre” e mais positiva.

Como pode se perceber, o conceito de velhice trazido pelos diferentes estudos, onde se inclui o de Leite e Araújo (2017), assume sentidos positivos e negativos, que dependem diretamente das condições nas quais as pessoas vivem e vivenciam essa fase da vida.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Os resultados deste estudo foram organizados em subitens. O subitem 1 buscou caracterizar os participantes da pesquisa, enquanto que o 2 apresentou a análise lexical conseguida a partir do método de análise “nuvem de palavras”.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A média de idade dos idosos foi de 65,5 anos, variando entre 60 e 85 anos. A maioria (75%) era do gênero feminino. Quanto ao estado civil, 47,5% disseram ser casados, 25,0% viúvos, 12,5% solteiros e os divorciados e separados somaram 15%. O nível de escolaridade foi considerado baixo, visto que 62,5% tinham o ensino fundamental incompleto, o que é esperado para essa geração. Apenas 12,5% dos idosos tinham curso superior, 10,0% Ensino Médio completo e 2,5% Ensino Fundamental completo. Foi verificado, ainda, idosos que não sabiam ler e escrever (7,5%), e outros que estavam em processo de aprendizagem (5%).

Os dados apresentados neste estudo refletem características que se assemelham ao perfil da população idosa brasileira. De acordo com a síntese de Indicadores Sociais (2015), houve um aumento no grupo de 80 anos ou mais de idade na população e grande parte dos idosos com 60 anos ou mais eram mulheres. Além disso, a média de anos de estudo da pessoa idosa é mais baixa do que a da população de 15 anos ou mais, apesar dessa média ter sido elevada de 3,5 anos de estudo em 2004, para 4,8 anos em 2014.

Vale destacar que, como demonstrado nos estudos de Fonseca et al. (2015), há diferenças nas regiões do país, e, nesse caso em específico, a região Centro Oeste do país tem se destacado na diferenciação do grau de escolaridade das pessoas idosas. Nesta região há um número superior de pessoas idosas com o curso superior.

O estudo de Almeida et al. (2015) revelou um número significativo de idosas octogenárias no município de Viçosa – Minas Gerais, sendo que o estado conjugal predominante dessas mulheres era a viuvez, o que, somado aos casos de separação e divórcio, representa um número expressivo. Na percepção das autoras, este fato era preocupante, pois notou-se a presença de muitas idosas sem o cônjuge, que poderia representar segurança e estabilidade para essas mulheres.

Para Peres (2011), a relação entre a velhice e o analfabetismo resulta da falta de políticas públicas efetivas de educação voltada para a população idosa, que em função disso passa despercebida pela sociedade. O analfabetismo constitui, então, um dos exemplos nada positivos da exclusão educacional e social pela qual vivencia esse sujeito social chamado idoso(a). Tomando como base o estudo de Peres (2011), verifica-se que o problema do analfabetismo da pessoa idosa

não está restrito ao município onde foi realizada esta pesquisa, mas a realidade das diferentes regiões federativas do país e seus municípios.

Acredita-se que a educação constitui um caminho para uma velhice digna e igualitária. Ela permitirá que os idosos tenham seu direito personalíssimo garantido, o que também garantirá aos mesmos a não exposição às mazelas decorrentes da vulnerabilidade e do risco social.

3.2 ANÁLISE LEXICAL

O método nuvem agrupa as palavras, organizando-as de forma gráfica em função de sua frequência (CAMARGO e JUSTO, 2013). De acordo com Kami et al. (2016), no método nuvem as palavras são posicionadas aleatoriamente de tal forma que as mais frequentes aparecem maiores que as outras, demonstrando, assim, seu destaque no *corpus* de análise da pesquisa. Na pesquisa em questão, as palavras mais citadas nas falas das pessoas idosas entrevistadas, considerando a percepção que eles têm sobre a velhice, foram: *não, ficar, bom, Deus, gente, viver e velhice* (Figura 1).

A palavra “*não*”, citada na maioria das falas dos idosos, teve conotação negativa e positiva, ou seja, alguns idosos relacionaram o envelhecimento como uma fase ruim da vida, outros perceberam a velhice como um privilégio. Tal particularidade também foi observada nos estudos de Fernandes e Garcia (2010).

Os idosos que tiveram uma conotação negativa da velhice significaram essa fase da vida como de dependência, falta de força física, solidão, desânimo e adoecimento. Contrariamente, Ferreira et al. (2011) pontuam que a ausência de doenças não garante o envelhecimento bem-sucedido, pois, para eles, o que realmente define é a manutenção das condições de autonomia e de funcionalidade. Aqui, o “*não*” significa as impossibilidades que o processo de envelhecimento trás, mas também o referendar do “*não*” perceber a vida mudar, seja negativamente ou positivamente. Novamente, percebe-se que envelhecer é viver a vida que continua, sem mudanças drásticas e perceptíveis para quem vive a velhice.

As falas abaixo, ilustram o significado da velhice para estes idosos

“Desânimo, dores no corpo. Não é uma fase muito boa não. Quando a gente é novo é outra coisa” (entrevista 35).

[...] pessoa não está aguentando fazer as atividades, dependendo de muitas coisas dos outros [...] (entrevista 27).

[...] tristeza, solidão (entrevista 21).

A solidão também foi um sentimento presente na vida das pessoas idosas participantes do estudo de Meneses et al. (2013). Os idosos que participaram dos estudos de Freitas et al. (2010) consideraram a velhice como um momento de dependência e perdas. De acordo com Meneses et al. (2013), a velhice e a doença relacionam-se com as limitações e com o medo desses de não poderem exercer suas atividades diárias, de se tornarem dependentes pela doença e não obterem o apoio da família, emergindo assim sentimentos como solidão e tristeza. “Cabe salientar que, na sociedade brasileira, ainda é essa a imagem de velhice predominante no senso comum” (FALLER et. al., 2015).

Mas os resultados desta pesquisa revelaram que existem idosos que atribuem à velhice um significado positivo, relacionando a mesma com felicidade, experiência, alegria, benção de Deus, vitória, naturalidade, sabedoria e tranquilidade. As falas abaixo revelam tal sentimento: “[...] *Muito melhor que a juventude que eu tive [...] (entrevista 28). [...] Agradeço a Deus por ter essa idade! Alegria, etapa boa (entrevista 6). [...] É tudo! É vitória de chegar onde cheguei (entrevista 11)*”.

Dentro do aspecto positivo do envelhecimento, outra palavra frequente na fala dos idosos foi “bom”. Ela também remete à velhice como uma etapa prazerosa e positiva da vida, como identificado em suas falas: “[...] *ficar idoso com saúde é muito bom [...] (entrevista 12). [...] é muito bom a experiência que temos na velhice [...] (entrevista 14). [...] Ah, é bom! Não tem jeito, é a natureza (entrevista 28)*”.

O que fica tácito a partir das falas citadas é que os idosos não estão pensando a velhice pelo lado romântico da manutenção da beleza, ou do não parecer velho. Não se importam com os cabelos brancos e com as rugas. Não querem em sua totalidade viver a prolongação da juventude, que muitas vezes são recorrentes nas falas de muitos, como já foi identificado em outros estudos sobre a percepção de velhice, quando falam “me sinto jovem”, “minha cabeça é de jovem”, entre outras.

Este estudo evidenciou que os idosos vivem a velhice com o que ela trás, mas também muitas vezes se remetem ao outro para falar da velhice. São questões importantes para serem trazidas a esta discussão. Estes sujeitos sociais compreendem a velhice como uma dádiva (ASSIS e MARTIN, 2010). Segundo Faller et al. (2015), os idosos da contemporaneidade tendem a se sentir vivos, mesmo que a idade em anos seja considerada avançada. Desse modo, a idade cronológica não é um fator impeditivo para que eles possam se mover, agir, pensar e participar da vida familiar.

A segunda palavra mais evidente na nuvem foi “ficar”. Essa palavra foi empregada no sentido de “tornar-se”, mais especificamente, tornar-se “velho”. É importante ressaltar que a palavra “velho” também foi uma das mais citadas na fala dos entrevistados: “[...] *é coisa boa ficar velho [...] (entrevista 12). [...] todo mundo tem que ficar velho um dia [...] (entrevista 19)*”.

As falas revelam que não há uma preocupação por parte dos entrevistados com o “*ficar velho*”. Estes entendem que, se chegaram a essa etapa da vida, é porque algo importante está acontecendo; “*estão vivos*”. E para muitos a velhice provavelmente não atrapalha e muito menos dá uma conotação de prejuízo à vida. De acordo com Freitas et al. (2010), alguns idosos são “*receptíveis*” à velhice e a percebem como um estágio da vida mais ampla e profunda no decorrer da sua existência.

Outra expressão muito citada pelos idosos foi “*gente*” e as falas revelaram que tal expressão foi utilizada quando os mesmos queriam referenciar a si próprio.

A gente tem que ficar velho com saúde, a gente tem que fazer alguma atividade física, tem que ser velho com saúde (entrevista 29).

[...] é a gente pensar que não está ficando velho, é viver ela [...] (entrevista 12).

Estando com Deus a gente tá com tudo. Não significa nada (entrevista 10).

A partir da fala desses entrevistados, foi possível perceber que eles entenderam o envelhecimento como algo inerente a si e ao outro, que faz parte do seu percurso e curso da vida, sendo importante ressignificar o *status quo* da velhice para vivê-la em plenitude. Como menciona Leite e Araújo (2017), o reconhecimento de si, da condição de velho, é o primeiro passo para desnaturalizar os estigmas negativos acerca da velhice. “*Não existe defeito em ser o que é, ser velho é uma forma de empoderamento, de resistência às mudanças impostas pela sociedade arraigada por concepções pejorativas e preconceituosas*” (LEITE e ARAÚJO, 2017, p. 202).

Observou-se na fala da pessoa idosa do estudo que o envelhecimento é percebido como uma benção de Deus. Tal condição pode ser explicada pelos vínculos que geralmente a pessoa idosa, em especial os longevos, estabelecem com a religião. Para Oliveira e Alves (2014), as pessoas que buscam vivenciar a espiritualidade ou a religiosidade geralmente seguem alguns preceitos, que lhes permitem mudar seus hábitos de vida, se disciplinarem e exercerem a compaixão, por exemplo, o que favorece sua saúde e bem-estar. As falas abaixo podem exemplificar o aspecto abordado.

Acho uma benção de Deus chegar à velhice sem estar numa cama, doente [...] (entrevista 6).

Tem hora que agradeço a Deus porque vejo pessoas mais novas que não passaram o que passei, e não aguentam, [...] (entrevista 8).

[...] Deus está me concedendo essa graça de envelhecer [...] (entrevista 23).

No entendimento de Oliveira e Alves (2014), praticar a espiritualidade e a religiosidade serve de apoio biopsicossocial à pessoa idosa, além de proporcionar uma visão positiva e mais de

longo prazo à vida. Além do mencionado, os autores evidenciaram que ofícios religiosos e a espiritualidade ganham mais força com a chegada da velhice, pois muitas vezes as incertezas, doenças e o afastamento familiar ou as perdas por morte fazem esse sujeito refletir sobre seu projeto de vida, tendo como resultado, o repensar da forma de viver.

A análise pelo método de nuvem também destacou a palavra “*viver*” na experimentação da velhice.

[...] acho que temos que viver hoje e não pensar no dia de amanhã [...] (entrevista 2).

Velhice é o tempo que temos para viver, viver feliz, viver em atividade constante [...] (entrevista 4).

Respeito, viver com saúde, com dignidade, continuação da vida (entrevista 31).

Conforme relatos presentes nas diferentes falas, verificou-se a necessidade que tem a pessoa idosa de vivenciar o presente de forma objetiva e também planejar o futuro. Meneses et al. (2013) descrevem que essa maneira de vivenciar a velhice possibilita à pessoa idosa oportunidades contínuas para o cuidado com a saúde, participação na sociedade e a busca pela autonomia e independência, ou seja, um envelhecimento ativo. Para Ferreira et al. (2012), o envelhecimento ativo corresponde ao equilíbrio biopsicossocial, à integralidade do ser que está inserido em um contexto social e, ainda, refere-se ao idoso que é capaz de desenvolver suas potencialidades.

Como nos estudos de Leite e Araújo (2017), este estudo também evidenciou, por meio das falas dos idosos, que o que faz um indivíduo ser considerado velho não é sua condição de aposentado, sua aparência física ou idade, mas o que de fato se pensa sobre a experiência de envelhecer. Essa perspectiva confirma que a velhice é percebida e experimentada de forma individual. Assim, viver a velhice é uma escolha que se constrói ao longo da vida por cada sujeito social. A melhor ou pior velhice pode ser caracterizada por um constructo, mas é fortemente explicada pelo sentimento experimentado nesta etapa da vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados da pesquisa evidenciaram que a velhice assume diferentes “faces”. Para alguns, essa fase da vida foi significada e relacionada com aspectos positivos. No entanto, outros entrevistados compreenderam a velhice como uma etapa negativa da vida. No geral, as falas permitiram compreender que a velhice é única, relativa e cheia de subjetividade; e que depende do percurso, curso e do modo que o sujeito vivencia essa etapa. A velhice foi percebida e construída pelos sujeitos da pesquisa como algo “planejado” ao longo da vida, ao invés de se qualificar como uma etapa da vida.

O envelhecimento não é um processo único, vivido de forma igual e muito menos percebido como marcado pela idade. Ele é um processo explicado pela experiência construída, pelo desejo de viver, pelo sentimento que é próprio de cada indivíduo, pela espiritualidade e pelas perspectivas do presente e do futuro.

Os dados deste estudo não pretendem generalizar o significado da velhice, visto que trata-se de um estudo de caso realizado com um grupo de pessoas idosas de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Contudo, oferece importantes contribuições e reflexões à respeito da temática envelhecimento e sobre como a velhice é experimentada, vivida e percebida pela pessoa idosa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. V. et al. A feminização da velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e po risco social. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 115 – 131, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/19830/13313>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

ASSIS, V. F. G.; MARTIN, D. Falas sobre a velhice: entre o perceber e o ser idoso. **Revista Terceira Idade**, São Paulo, v. 21, n. 48, p.54-65, Jul. 2010. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/6404_FALAS+SOBRE+A+VELHICE+ENTRE+O+PERCEBER+E+O+SER+IDOSO. Acessado em: 27 jun. 2018.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n.2, p.513-518, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 27 nov. 2017.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008 ISSN 1980-7031. Disponível em: <<http://rica.unibes.com.br/index.php/rica/article/view/243/234>>. Acessado em: 27 nov. 2017.

FALLER, J. W.; TESTON, E. F.; MARCON, S. S. A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, Jan-Mar; v. 24, n.1, p.128-37, 2015.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/01047072015002170013&pid=S0104-07072015000100128&pdf_path=tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00128.pdf&lang=pt>.

Acessado em: 08 de nov. de 2017.

FELIPE, T. W. S. S.; SOUSA, S. M. N.. A construção da categoria velhice e seus significados.

PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP.

Macapá, v.7, n. 2, p. 19-33, jul.-dez. 2014. Disponível

em: [tps://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1384](https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1384). Acessado em 31 de out. 2017.

FERREIRA. O. G. L. Envelhecimento ativo e sua relação com independência funcional. **Revista Texto e Contexto de Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 513 – 518, jul – set. 2012.

Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/gpat/wp-content/uploads/2013/03/2ENVELHECIMENTOATIVOESUARELA%C3%87%C3%83O-COM-A-INDEPEND%C3%8ANCIA.pdf>>.

Acesso em: 27 jun. 2018.

FERNANDES, M. G. M.; GARCIA, L. G. O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos.

Saúde Sociedade. São Paulo, v.19, n.4, p.771-783, 2010. ISSN: 1984-0470. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902010000400005&lng=pt&tlng=pt>. Acessado em: 08 de nov. 2017.

FREITAS, M. C; QUEIROZ, T.A.; SOUSA, J.A.V. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Revista Escola de Enfermagem [online]**. USP 2010. v. 44, n. 2, p.407-412.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-2342010000200024>. Acessado em: 28 de nov. de 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

HARRIS, P. L.; PROTTI, G. G. Velhice e envelhecimento: experiências de idosos em unidades de terapia intensiva. **ARQUIVOS MÉDICOS DOS HOSPITAIS E DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA SANTA CASA DE SÃO PAULO**. 2016; v.61, p.8-12.

Disponível em: <http://www.fcmsantacasasp.edu.br/images/Arquivos_medicos/2016//AO91.pdf>.

Acessado em: 30 de out. de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015 / IBGE, **Coordenação de População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 137p.

KAMI, M.T.M. et al. Trabalho no consultório na rua: uso do *software* IRAMUTEQ no apoio à pesquisa qualitativa. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, vº. 20, nº. 3, Jul-Set 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452016000300213&script=sci_abstract&tlng=pt. Acessado em: 11 de dez. 2017.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. 5º Ed. Estado: Editora, 2001. 694 p.

LEITE, Â. R. L.; ARAÚJO, M. S. S. Significados da velhice para quem envelhece (u). **Temporalis**, Brasília (DF), v. 17, n. 33, p. 193-210 jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/14244>>. Acessado em: 28 nov. 2017.

MAFRA, S. C. T.; et. al. Políticas públicas e o processo de envelhecimento: o caso de Viçosa, Minas Gerais. In: BIFANO, A. C. S.; TEIXEIRA, T. S. **Políticas públicas e sua efetivação local**. Viçosa: UNIEDHS, 2014. p. 177 – 199.

MENESES, D.L.P. et al. A dupla face da velhice: o olhar de idosos sobre o processo de envelhecimento. **Revista Enfermagem em Foco**, v. 4, n. 1, p. 15-18, 2013. Disponível em: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/articled/view/495>. Acessado em: 31 de out. de 2017.

OLIVEIRA, R.M.de; ALVES, V.P. A qualidade de vida dos idosos a partir da influência da religiosidade e da espiritualidade: cuidados prestados aos idosos institucionalizados em Caetité (BA). **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 17, n. 3, p.305-327, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/23208/16770>. Acessado em: 05 de jan. de 2017.

PERES, M. A. C. Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 631-662, 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922011000300011&lng=en&nr=m=iso>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SILVA, E. P. et. al. Envelhecimento e risco social: uma abordagem conceitual. In: SILVA, E. P.; MAFRA, S. C. T. **Envelhecimento no Brasil: o retrato da diversidade**. Visconde do Rio Branco: Suprema, 2015. p. 11 – 18.